

Transcrição nostálgica: o surgimento de edificações em “estilo germânico” em Brusque/SC (1987-2008)

Nostalgic transcreation: The emergence of buildings in “Germanic style” in Brusque/SC (1989-2008)

Álison Sousa Castro*

Palavras-chave:
Brusque
Estilo Germânico
Enxaimel

Resumo: Este artigo investiga o aparecimento de edificações entre 1987 e 2008 em Brusque/SC que remetem ao processo de colonização alemã em Santa Catarina. Com base em diversas fontes como notícias de jornal, legislação, fotografias e depoimentos orais, discute-se a presença do fenômeno “estilo germânico” nas edificações de Brusque, apontando sua gênese, seu impacto e sua relação com outros municípios. Para tanto, são demarcadas tipologias que compõem o estilo germânico em arquitetura, investigando a emergência de tal fenômeno em algumas cidades de Santa Catarina. Por fim, a adoção deste fenômeno no município de Brusque/SC é explorado em suas especificidades.

Keywords:
Brusque
Germanic Style
Timber Frame

Abstract: This article discuss the appearance of buildings between 1987 and 2008 in Brusque/SC, that refer to the process of German colonization in Santa Catarina. Based on many sources such as newspaper reports, legislation, pictures and oral history, the presence of the “Germanic style” phenomenon in the buildings of Brusque is discussed, pointing out its genesis, impact and relation with other cities. The typologies that compose the Germanic style in architecture are investigated, searching the emergence of such phenomenon at Santa Catarina’s cities. Finally, the adoption of this phenomenon in Brusque-SC is explored on its specificities.

Recebido em 19 de abril de 2019. Aprovado em 24 de maio de 2019.

Introdução

O processo de colonização alemã no Vale do Itajaí e Norte Catarinense na segunda metade do século XIX resultou em uma paisagem composta por edificações que se destacavam em relação ao ambiente verificado no conjunto das demais cidades brasileiras em meados do século XX. Segundo Jaime Mendes, editor do jornal O Município, antes de conhecer e se estabelecer na cidade, ele teria sido informado via imprensa de Florianópolis, na década de 1950, sobre a “beleza e originalidade” da arquitetura de Brusque. Em 1968, o então editor do jornal, começou uma série de publicações sobre “as mais belas residências de Brusque” (ANTES, 1968). Coincidentemente, poucos meses depois, em setembro de 1968, foi divulgado nacionalmente na revista Reader’s Digest um encarte cujo título

“Adivinhe que país é este” ressaltou a peculiaridade das edificações no município de Blumenau.

Em 1972, apenas quatro anos após o referido encarte ter sido publicado, o município de Blumenau editou uma Lei de incentivos fiscais a edificações em enxaimel¹ (BLUMENAU, 1972). No mesmo ano, o memorialista Ayres Gevaerd publicou um artigo no “O Município”, discorrendo sobre as suas memórias de sua infância na “Rua das Carreiras” (GEVAERD, 1972). Este artigo inspirou um projeto de preservação desenvolvido por alunas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) dez anos depois (LAUTH, 1982a). Deste projeto, resultou uma Lei Municipal que visou a oferecer benefícios fiscais para a preservação das edificações no entorno da Rua das Carreiras, mas que fora contestado judicialmente e, posteriormente, revogado (BRUSQUE, 1983).

* Historiador da Fundação Cultural de Brusque. Atualmente, cursa doutorado no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade (UNIVILLE) e Licenciado em História (UNIVALI).
E-mail: <historiador@fcbrusque.sc.gov.br>.



Figura 1: Encarte “Adivinhe que país é este”, publicado na Revista Seleções, edição nº 320 – Tomo LIV de setembro de 1968.

Fonte: Acervo Arquivo José Ferreira da Silva (2019).

No final da década de 1980, começaram a surgir em Brusque novas edificações que tiveram como inspiração os prédios que resultaram do fluxo advindo do processo migratório alemão. O presente artigo, apoiado em amplo acervo documental que envolve notícias de jornais, legislação, fotografias e depoimentos orais busca compreender a presença do fenômeno “estilo germânico” em Brusque, apontando sua gênese, semelhança e diferença com relação a outros municípios catarinenses. Para tanto, apresento uma breve diferenciação de termos que compõem o estilo germânico em arquitetura, a edição de leis de incentivo fiscal em alguns municípios catarinenses e as especificidades de sua implantação no município de Brusque/SC e, por fim, as críticas feitas ao modelo adotado.

Tipologias do “estilo germânico” em arquitetura

Tomo por referência as construções presentes no município de Brusque para elaborar um esboço de uma tipologia do estilo germânico em arquitetura. Também levo em consideração as edificações que tenham seguido em sua construção ou adaptação a ideia de um visual que faça referência a exemplares arquitetônicos específicos, conforme estipularam as legislações municipais: no caso de Blumenau o “Enxaimel” e “Casa dos Alpes” (BLUMENAU, 1972, 1977, 1978) e no caso de São Bento do Sul o “Estilo Alpino” (SÃO BENTO DO SUL, 1989, 1994).

O enxaimel, de acordo com o arquiteto brasileiro Günther Weimer, é uma técnica construtiva adotada pelos imigrantes alemães que

[...] consistia em transformar as paredes maciças num tramado vazado de madeira. Como os encaixes de madeira não são tão rígidos, foi necessário lançar mão de escoras transversais que

garantissem a estabilidade das paredes e, conseqüentemente, da construção. Desta forma, foi concebida uma estrutura autoportante cheia de vazios (ou prateleiras, segundo a concepção popular) que eram preenchidos com uma vedação inerte que podia ser de taipa, pedra ou tijolos. (WEIMER, 1994, p. 14).



Figura 2: Edificações em “estilo germânico” no município de Brusque/SC. Enxaimel na rua SP-006; falso enxaimel na rua Otto Renaux; enxaimelizado na av. Cônsul Carlos Renaux e enxaimeloso na Praça das Bandeiras, em Brusque/SC.

Fonte: Adaptada de Google Street View (2019).

No Brasil, uma das mudanças mais significativas ocorreu devido ao clima, e implicou, em muitos casos, a adaptação de uma varanda, além do deslocamento do fogão e forno para um espaço separado da casa. Segundo o historiador brusquense Aloisius Carlos Lauth “[...] a raridade destas casas é mais um traço que faz de Brusque uma cidade atípica, onde a urbanização desmistifica a estética e a tradição da terra” (LAUTH, 1980, p. 60). A atipicidade de Brusque, em sua opinião, seria constituída pela presença de casas “típicas” de colonização alemã que estão presentes em várias cidades do país. Em 1980, Lauth realizou uma pesquisa durante dois meses; e este esforço resultou

na localização de 46 casas em enxaimel cujas características de um modo geral, seriam:

1. o enxaimel foi construído por alemães badenses;
2. cujos tijolos cozidos tinham facetas laterais lisas;
3. eram fugados, ou pintados de cal;
4. a armação era de madeira de lei, banhada a óleo cru;
5. assoalho tosco de tábuas largas e espessas;
6. janelas de madeira, estreitas e altas;
7. forro alto, sobre barrotes grossos e também toscos;
8. telhado quase vertical, com telhas lisas;
9. pilares de pedra granito, as mais novas tinham tijolos rebocados;
10. varandas com frontais trabalhados;
11. as paredes da sala de visitas e quarto

de casal eram decoradas em cores frias, com motivos de flores miúdas, em linhas geométricas; 12. as instalações sanitárias estavam desligadas da casa; 13. as repartições dos cômodos ficavam a gosto do proprietário; 14. o morador contratava os trabalhos do carpinteiro e pedreiro e sua família o auxiliava e; 15. o estilo enxaimel está em completo abandono. (LAUTH, 1982b, p. 6).

Destas 46 casas na década de 1980, restaram apenas duas em Brusque. Lauth aponta como causa do abandono da técnica construtiva três fatores: o alto custo da mão de obra, a dificuldade de conseguir madeira já entalhada e a facilidade de aquisição de tábuas e pregos para uma construção mais rápida. Segundo o testemunho que ele coletou em seu trabalho de campo, as casas em enxaimel teriam sido construídas entre 1880 e 1940 (LAUTH, 1982b).

Em outubro de 1987 houve a liberação de uma verba do Ministério da Educação destinada a “[...] reformar e [realizar] melhoramentos da sede social da sociedade [amigos de Brusque] e início da construção de uma casa de enxaimel” (S.A.B., 1987, p. 3). Um ano depois, em outubro de 1988, o pesquisador Aloisius Carlos Lauth (1988) lançou questionamento sobre a realização da “Vila de Enxaimel”. Para ele, dependeria de quem ganhasse as eleições e que a questão seria importante, pois: “O estilo das construções de Ouro Preto atrai muita gente: até a nós brusquenses. Lá, é o barroco; aqui, o enxaimel” (LAUTH, 1988, p. 9). Lauth comenta que foi na reunião de apresentação do projeto da Rua das Carreiras em 1982 que

[...] citou-se também os esquecidos enxaiméis. A repreensão, pasmem, veio do ex-prefeito [Alexandre Merico]. Usando argumento de ser um ‘aborto da natureza’, o próprio desfez quaisquer planos. [...] O paisagista Burle Max, infelizmente, andou por aqui na época e fez a cabeça de muita gente contra o enxaimel. É claro que há horrores por aí, mas negar uma raiz como esta só louco. (LAUTH, 1988, p. 9).

A falta de mão de obra qualificada ficou evidente na oportunidade em que a casa em enxaimel

da Sociedade Amigos de Brusque foi instalada. Esta edificação é um falso enxaimel por conta da ausência de elementos que seriam indispensáveis à sua caracterização (encaixe em madeira) e que, por conta de sua ausência, requerem a utilização de outros elementos para a sua sustentação (utilização de pregos e cabos de aço para a sustentação). Diante da inviabilidade técnica e da condição extemporânea de se construir edificações enxaimel, após a onda de fachadismo verificada em Blumenau a partir de 1972, começaram a surgir novas edificações em estilo germânico na paisagem do município de Brusque a partir de 1987.



Figura 3: Rodoviária, Beira-Rio e Hotel Monthez. Flagrante das obras do Hotel Monthez no topo do morro (construído entre 1987 e 1992), do terminal Rodoviário e Avenida Beira Rio. A foto compõe o Relatório de situação e obra do Terminal Rodoviário de Brusque em 16 de março de 1990.

Fonte: Acervo Sala Brusque

Muitos dos prédios públicos de Brusque foram projetados em “enxaimeloso”. A referência ao enxaimeloide enquanto um “neoenxaimel” ou mesmo um estilo arquitetônico (VEIGA, 2013, p. 62) não parece ser adequada; afinal, as construções “enxaimel” já na Europa comportavam uma variedade de técnicas e em Santa Catarina teriam sofrido “[...] algumas inovações que são comuns a todas elas e que romperam, em larga escala, com a cultura centro-europeia” no que se refere ao arranjo e à disposição dos espaços (WEIMER, 1994, p. 65). As inovações em Santa Catarina como se referem a rearranjos dos espaços, e já na Europa havia uma variedade de técnicas, denominar algo de “neoenxaimel” é forçoso nesse caso uma vez que o artifício do enxaimeloide comporta, ao

menos, duas situações: 1) utilização de moldura de madeira/ferro no exterior de edificações preexistentes (que denomino enxaimelizado); 2) utilização de moldura de madeira/ferro no exterior de edificações elaboradas e pensadas para receber essa moldura (que denomino enxaimeloso). Porém, não foi empregado o fachadismo de madeira em todas as edificações de estilo germânico. Portanto, para além do enxaimelizado e enxaimeloso, o “estilo germânico” abarca elementos que remetem a aspectos peculiares da arquitetura de imigração alemã: utilização de madeira aparente como elemento de destaque na fachada, seja como adorno, estrutural ou falseando o estrutural do edifício; beiral alongado, presença de águas furtadas (mansardas) com ou sem utilidade, quase sempre a torre escalonada em formato de torreão com a cobertura com flecha de perfil escalonado. Enxaimel, falso enxaimel, enxaimeloide (enxaimelizado e enxaimeloso), estilo alpino, enfim: estilo germânico. Para além das questões que diferem especificidades, indaga-se: como se procedeu a definição do estilo germânico nos municípios catarinenses por meio de sua legislação?

Incentivo público à adoção do estilo germânico em Blumenau, Joinville e São Bento do Sul

Em 1972, Blumenau foi o primeiro município catarinense a editar legislação incentivando a adoção do estilo germânico no ambiente urbano por meio de renúncia fiscal. Sob o comando do Prefeito Evelásio Vieira, foi promulgada uma lei em que ficava autorizado o executivo municipal “[...] a dispensar do pagamento de emolumentos de obras todos os que, dentro do perímetro urbano de Blumenau, vierem a edificar casas típicas Blumenauenses, para residências” (BLUMENAU, 1972). O benefício somente poderia ser concedido com “[...] parecer prévio da Comissão Municipal de Turismo que examinará os projetos a fim de averiguar se os mesmos possuem as condições e normas em que a referida Comissão baseia a definição do que considera ‘Casas típicas – Blumenauenses’” (BLUMENAU, 1972). Esta lei era muito imprecisa

e não estipulava o que seria considerado como uma “casa típica blumenauense”, delegando a uma comissão que, conforme a possibilidade de alteração de sua composição, também poderia alterar o entendimento sobre a definição. Evelásio Vieira governou Blumenau entre 1970 e 1973, ano em que o blumenauense Rolf Kaestner, de apenas 19 anos, mudou-se para Brusque para assumir a editoria do jornal A Nação. Sobre o Prefeito de Blumenau, Kaestner (2019) comenta que, embora não tivesse nenhum laço com a cultura alemã, ele teria sido o grande responsável por iniciar a onda enxaimelizada em Blumenau que, apesar de algumas resistências, logo apresentara retorno com o crescente fluxo de turistas que chegavam à cidade.

Atentos ao que ocorria em Blumenau, em 1975 o município de Joinville editou lei concedendo benefícios fiscais às casas de enxaimel (JOINVILLE, 1975). Blumenau revogou a lei de 1972 e editou nova lei em 1977, autorizando “[...] a conceder favores fiscais às edificações que [...] apresentarem os estilos arquitetônicos típicos conhecidos como ‘Enxaimel’ e ‘Casa dos Alpes’” (BLUMENAU, 1977) – delimitando o que não havia ficado claro na legislação anterior. Outro município que editou legislação prevendo “imunidades e isenções” tributárias foi São Bento do Sul em 1989 (SÃO BENTO DO SUL, 1989). Citado como “estilo alpino”, em 1994 houve a edição de uma lei estabelecendo “critérios construtivos que conferem às construções as características de estilo ALPINO” (SÃO BENTO DO SUL, 1994). Ao contrário do que ocorrera nos municípios catarinenses de Blumenau, Joinville e São Bento do Sul, em Brusque não foi editada lei de incentivo fiscal para edificações em estilo germânico. Então, o que teria ocorrido para que tais edificações fossem construídas/adaptadas e estejam presentes na paisagem do município?

A implantação do estilo germânico em Brusque

Tendo chegado a Brusque para assumir a editoria da sucursal brusquense do jornal A Nação em 1973, logo em seguida, em 1975, o blumenauense Rolf Kaestner fora lotado no gabinete

do Prefeito após aprovação em concurso público, sendo responsável pela parte de comunicação da Prefeitura, uma espécie de “assessor de imprensa na época” (KAESTNER, 2019). Segundo ele: “[...] como nós estávamos próximos no gabinete, a gente começou a receber mais informações do que estava acontecendo na Prefeitura, das reformas que precisavam ser feitas [...] e na época, muito mais, era quase que uma decisão exclusiva do Prefeito do que fazer e do que não fazer” (KAESTNER, 2019).

Aí nós estávamos em Brusque, e a cidade, a antiga Brusque, a Cônsul Carlos Renaux, os antigos prédios, estavam necessitando de algumas reformas. E aí vinham, chegavam à Prefeitura os pedidos de licenças. E a gente começou a dizer assim ‘poxa, por que que a gente não copia o que Blumenau tá fazendo?’... [...] Mas os arquitetos da época eram resistentes aqui em Brusque. ‘Não, tu não podes fazer. isso é falso, isso é tudo falso, isso não é arquitetura, isso aí não se pode admitir uma coisa dessas’. ‘Mas ninguém vai construir o autêntico. Isso não existe mais. Ninguém mais vai fazer uma construção num estilo autêntico enxaimel. Isso é um estilo de 100 ou 300 anos atrás. Hoje é uma coisa nova. Mas, se a gente não fizer nada [...]’: ‘Ah não, nós não concordamos, nós não concordamos’.

A contrariedade do Clube de Engenharia e Arquitetura de Brusque, segundo Kaestner (2019), foi unânime, o que representou uma grande barreira e recusa por parte do Prefeito Alexandre Merico (1977-1983). Apesar disso, os entusiastas do enxaimeloide venceram uma batalha com a construção das Lojas Pernambucanas em 1979³ (KAESTNER, 2019). Com a mudança de Prefeito em 1983 os planos de enxaimelização poderiam ser rediscutidos; porém, a enchente de 1984 interditou qualquer iniciativa nesse sentido. Após essa enchente, com a demolição do prédio que abrigava a rodoviária, e a sua instalação de maneira provisória na antiga fecularia do Renaux⁴ surgiram críticas, principalmente no penúltimo ano de mandato do Prefeito Celso Bonatelli (1983-1988), passando a ser elencado pelo jornal como uma obra inadiável (OBRA, 1987) e prioritária (A RODOVIÁRIA,

1987). A edificação não tinha infraestrutura adequada para servir de rodoviária, não dispoñendo de banheiros (ROZA, 2019; BONAMENTE, 2019). Passada a eleição de 1988 e tendo sido eleito prefeito o empresário Ciro Marcial Roza, o jornal Município informou que “[...] a construção da nova rodoviária e do pavilhão de evento são prioridades e a rodoviária deverá ter o início de sua construção já nos primeiros dias de janeiro de 89” (PINGOS, 1988).

Já no início de 1989 o prefeito solicitou a elaboração de um projeto para a construção do terminal rodoviário municipal a ser localizada em uma parte do seu terreno a ser doado à municipalidade para a essa construção. O gesto do prefeito não foi muito bem visto na câmara de vereadores. Questionado se houve doação à Prefeitura, Ciro Roza respondeu que: “Quem escolheu o local não fui eu, foi o DETER. Doei porque sou um empresário bem-sucedido e esses metros de terras não vão me fazer falta” (RODOVIÁRIA, 1987). Após a polêmica, em agosto de 1989 foi iniciada a construção da rodoviária com a cravação das estacas (INICIADA, 1989a, 1989b) seguida pela obra, cuja empresa executora foi a Morari, do empresário Valdir Walendowsky⁵. Segundo Rolf Kaestner (2019),

O Ciro, como ele pegou a cidade num boom de turismo, com a feira [industrial], com a Fenarreco, já no terceiro ano, e nós, vamos dizer, o Valdir Walendowsky, que também tava na Prefeitura na época, e ele tinha uma construtora, o Valdir Walendowsky, ele chegou e disse assim pra ele assim ‘olha lá, em!’ [...] Rio Negrinho, [...] tinha uma Prefeitura em estilo enxaimel, uma prefeitura não, uma rodoviária. ‘Mas é bonitinha’. E ele viajava na época pra lá, eles tinham obras pra lá. E ele fotografou aquela rodoviária porque o Ciro tava na iminência de construir a rodoviária aqui e aproveitou esse gancho que a gente levou pra ele e fez, o primeiro foi a rodoviária. Ah, aquilo chamou a atenção de todo mundo. Bateram palmas pra ele. E com razão.



Figura 4 – Rodoviárias de Rio Negrinho e Brusque

Fonte: Adaptada de Carvalho (2016) e Oliveira (2016)⁶.

As tratativas para a construção da rodoviária de Rio Negrinho iniciaram com a desapropriação dos terrenos em 1983 (RIO NEGRINHO, 1983). Em maio de 1984, foi constituída e nomeada uma “Comissão Especial para Julgamento do Concurso de Anteprojeto do Terminal Rodoviário para Rio Negrinho” (RIO NEGRINHO, 1984a). No mesmo mês fora homologado “o trabalho de autoria do Arquiteto Franklin H. Urresta Orbes [...] como vencedor do Concurso” (RIO NEGRINHO, 1984b). Segundo confidenciou o arquiteto, de 50 projetos inscritos foram selecionados cinco, dos quais o dele se saiu vencedor. Ainda em agosto de 1984, a Prefeitura efetivou a contratação para a elaboração definitiva do projeto do terminal (RIO NEGRINHO, 1984c); mas, a parte do telhado teve de ser modificada, pois na época não existiam ônibus de dois andares. Segundo Orbes, o chão teve de ser rebaixado e foi feita uma treliça de madeira para sustentar o teto⁷. Em julho de 1985 o terminal foi nomeado de “Novo Rumo” (RIO NEGRINHO, 1985), embora sua inauguração tenha ocorrido somente em 24 de abril de 1987⁸.

Sobre a adoção do estilo germânico na rodoviária e demais obras em Brusque, Ciro Roza (2019) comenta que:

Então o estilo enxaimel, por que que foi criado? Porque em Blumenau tinha algumas construções e a gente via as pessoas tirando foto. No Brasil inteiro tu não vês essa construção. E tu vais na

Alemanha, Suíça, Suécia, e tu vês muito essa construção enxaimel. É bonito. As pessoas tiram foto. Eu digo: nós vamos adotar as obras públicas em estilo enxaimel. E tanto é, era muito comum na Prefeitura, era difícil quando vinha turista não tirar foto da Prefeitura.

Ao contrário do que afirma Roza (2019), além do Vale do Itajaí e Norte Catarinense, é possível ver as construções que remetem ao enxaimel no Paraná (Marechal Cândido Rondon); Rio de Janeiro (Petrópolis, Nova Friburgo, Teresópolis); São Paulo (Campos do Jordão e Holambra) e no Rio Grande do Sul (região de São Leopoldo, alto Taquari, Nova Petrópolis e Gramado). Além disso, em diversos países fora da Europa também é possível ver construções que remetam ao enxaimel. Inspirado ou não na rodoviária de Rio Negrinho, as semelhanças são muitas. Em 4 de agosto de 1990, foi inaugurada a Avenida Beira-Rio margem direita (que serviria também como canal extravasador para mitigar as enchentes em Brusque). Um quadro, ao lado da programação de inaugurações veiculada no jornal O Município vislumbrava definir o momento: “Este não é apenas mais um aniversário. É uma nova era”. (BRUSQUE, 1990). No dia seguinte, foi a vez da inauguração da Rodoviária (ENTRE, 1989). Conforme a Figura 3, a inauguração do Hotel Monthez juntamente com as obras da Avenida Beira-Rio e da Rodoviária iniciaram a transformação da paisagem da região central de Brusque.

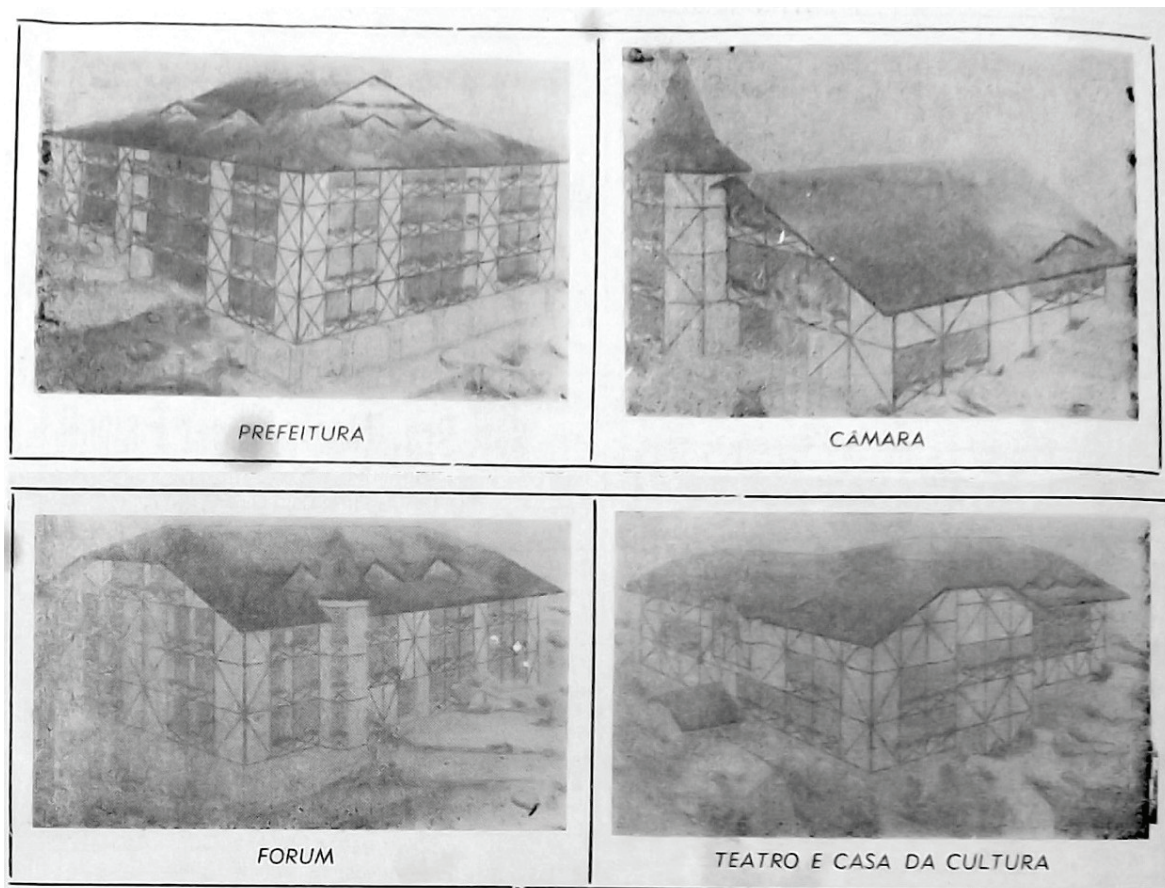


Figura 5: Projetos da Prefeitura de Brusque em 1989. Prefeitura, câmara de vereadores, fórum, teatro e casa da cultura.

Fonte: O Município (PROJETOS, 1989, p. 14).

Após a inauguração da rodoviária em estilo germânico, novos projetos surgiram, desta vez especificamente em enxaimeloso. Sobre os projetos, o jornalista Wilson Silva escreveu que:

Brusque terá uma nova prefeitura, um novo fórum, um novíssimo teatro e uma nova câmara dos vereadores. Vi os projetos feitos por Rubens Aviz. São lindos realmente e Brusque merece tudo isso. Só não acho legal que todas essas constatações sejam em estilo enxaimel. Não há necessidade disso, mesmo. Mas, pensando no lado dos turistas, que adoram essas bobagens exóticas [...] Brusque não consegue se desgrudar da cola de Blumenau, já repararam? Estamos sempre copiando alguma coisa de lá. E quem chega sempre no topo é a loira Blu [...]. (SILVA, 1989).

Silva demonstrou-se incomodado com a cópia das “bobagens exóticas” de Blumenau,

ressaltando o fato de Brusque sempre estar atrás de Blumenau. Em março de 1989 ocorreu um encontro entre representantes da Prefeitura de Brusque e o Clube de Engenharia, Arquitetura e Agronomia de Brusque – CEAB. O prefeito Ciro Roza explanou os projetos, seguido pelo arquiteto Rubens Aviz que discorreu sobre o estilo germânico: “o modelo germânico definido tem sua razão por ser um estilo típico da colonização de nossa região [...] e por ser indubitavelmente muito bonito e atraente turisticamente e, por não implicar custos muito maiores do que construções rudimentares” (ENCONTRO, 1989, p. 18). O projeto elaborado por Aviz foi concebido como Centro Administrativo “[...] que, além de concentrar os prédios da Prefeitura, Fórum e Câmara de Vereadores, será complementado pelo Teatro, Casa da Cultura e Parque Zoobotânico. [...] tornar o município um exemplo em nível de Brasil” (PROJETOS, 1989,

p. 14). Com exceção do teatro, todos os projetos foram executados.

Depois de quase 60 anos da campanha de nacionalização instituída pelo Presidente Getúlio Vargas e após duas guerras mundiais – períodos em que os descendentes de alemães foram hostilizados como “o perigo alemão”, e de tentativas frustradas de preservação das edificações que foram fruto do processo imigratório e que estavam concentradas na Rua das Carreiras, a germanidade⁹ foi objetificada no estilo germânico para fins turísticos, não obstante a historicidade do processo imigratório na região, resultando na materialização de uma espécie de transcrição nostálgica, pois se criou algo emulando um passado que nunca chegou a ser concretizado em sua totalidade e densidade conforme o desejo contemporâneo instrumentalizado tão somente para fins econômicos.

Das 25 edificações em estilo germânico presentes em Brusque, 12 são do poder público, sendo dez do poder público municipal (rodoviária; câmara de vereadores; prefeitura; pavilhão Fenarrecko; Zoobotânico; Arena Multiuso; pórtico do Parque da Caixa D’Água; passarela; antiga câmara de vereadores e atual prédio da defesa civil e Secretaria de Trânsito; Terminal Urbano) e duas do poder público estadual (fórum e delegacia de polícia). As outras 13 edificações são da iniciativa privada: comércio/centros comerciais e de serviços; residências em enxaimel; associações; hotéis; padarias; igreja e museu.

Diferentemente de Blumenau, Joinville e São Bento do Sul, onde ocorreram ondas enxaimeladoras incentivadas por conta de legislação de incentivo fiscal, em Brusque essa onda teve como principal promotor os agentes públicos, não atingindo o curso da Avenida Cônsul Carlos Renaux, artéria principal do comércio, mas ruas adjacentes. No caso de Blumenau, a rua XV de Novembro foi repaginada (PEREIRA, 2009, p. 184-190), em Joinville a Rua do Príncipe recebeu poucos exemplares (VEIGA, 2013, p. 143). Enquanto em Blumenau o investimento na enxaimelização atravessou diversos governos, em Joinville o processo de enxaimelização foi descontinuado, tendo sido interrompido em 1998 com a inauguração do Fórum (VEIGA, 2013, 142).

Em Blumenau a construção da germanidade enquanto produto turístico teria sido realizada com “[...] três componentes fundamentais, o estímulo à construção ‘em estilo enxaimel’, a preservação das construções consideradas típicas, e a Oktoberfest” (BARRETTO, 2002); contudo, em Brusque, não ocorreu estímulo aos enxaimeloides, não obstante o desejo da COMUTUR, e não resultou em lei de incentivo fiscal. Apesar de se ter clareza sobre a singularidade do conjunto de edificações, a ideia de preservação patrimonial não obteve êxito com o projeto da Rua das Carreiras; além disso, a querela suscitada pelo tombamento do Casarão Schaeffer em 1990 sugere que o tema da preservação fora abandonado (CASARÃO, 1990). Quanto à festa, Brusque seguiu Blumenau desde o início; porém, no segundo e terceiro mandato de Ciro Roza ela fracassou devido sua remodelação com a contratação de shows nacionais (KAESTNER, 2019).

Além da tensão entre a recusa do Clube de Engenharia de Brusque e do jornalista Wilson Silva e o entusiasmo do historiador Aloisius Carlos Lauth e do dirigente de turismo Rolf Kaestner, a visita de um arquiteto alemão pode ter somado uma nova tipologia ao estilo germânico: o neoenxaimel.

Os relatórios do arquiteto Udo Baumam

Em 1987 foi noticiado que o arquiteto alemão Udo Baumam, consultor técnico do Ministério da Cultura para Preservação da Arquitetura de Imigração Alemã e Italiana no Brasil, poderia vir a Brusque no ano seguinte e que ele teria passado dez meses em Santa Catarina. Baumam havia estado há pouco em Blumenau, onde palestrou sobre o Plano Diretor do Município, tendo sido convidado a vir a Brusque pelo presidente da Comissão Municipal de Turismo, Valdir Rubens Walendowsky. Segundo o engenheiro Alexandre Gevaerd¹⁰, a palestra foi proveitosa “[...] pela orientação que [Baumam] forneceu à municipalidade blumenauense, considerando que sua palestra, focalizou [...] ‘a possibilidade de conciliar a preservação de edificações históricas com a necessidade de crescimento que a cidade tem’” (CONSAGRADO, 1987, p. 10).

Alguns anos antes, Baumam já havia estado em Santa Catarina por meio de um intercâmbio cultural entre Brasil e Alemanha no qual ele foi responsável por “[...] informar e orientar na preservação do patrimônio histórico nacional [...] orientando as comunidades na execução de suas obrigações, concernentes à preservação no Estado de Santa Catarina” (BAUMAM, 1982, p. 1). Em novembro de 1981, ocorreu o Seminário sobre Desenvolvimento Urbano e Preservação do Patrimônio Histórico em Florianópolis, do qual participaram Prefeitos de diversos municípios. O evento teria, segundo Baumam, despertado “[...] nos participantes uma maior consciência para os problemas da conservação de monumentos e prédios históricos” (BAUMAM, 1983, p. 2). Segundo ele, sua tarefa consistia em desenvolver a aprofundar os resultados do seminário, em particular:

- Assessoramento a cidades e municípios da região abrangida pela tarefa, na conservação e recuperação do Patrimônio Histórico;
- Assessoramento ao SPAHN em Brasília na inventariação do Patrimônio Histórico;
- Desenvolvimento de metodologia para a inventariação de prédios históricos;
- Aprofundar o trabalho junto à opinião pública anteriormente iniciado. (BAUMAM, 1983, p. 2).

Baumam foi designado a atuar em três municípios catarinenses (BAUMAM, 1982, 1983): Blumenau, Joinville e São Bento do Sul – coincidentemente os municípios onde foi criada legislação de incentivo ao enxaimeloso em 1972/1977, 1975 e 1989. E, após duas semanas em Joinville, o arquiteto apresentou suas primeiras impressões em seis de agosto de 1982:

1. Existe em Joinville um grande número de construções arquitetônicas de grande valor, da época de sua fundação até o período da 2ª Guerra Mundial.
2. Arquitetura histórica em Joinville não significa somente Arquitetura – Enxaimel, mas também a arquitetura da época de sua fundação, que é de suma importância para o desenvolvimento e muito típico. [...] 4. Uma concentração do setor terciário, digo comércio, bancos

e departamentos administrativos, que se localizam na Rua do Príncipe. Isto irá levar a um deserto da referida rua. Surgirá (sic) novos edifícios que por sua vez irão destruir os prédios de grande valor e dar uma aparência pueril a cidade. Infelizmente isto tudo não irá ficar só na tese: como eu ouvi no lugar do Palácio Niemeyer será edificado um prédio de 14 andares assim sendo, o Banco do Brasil irá no futuro decidir a aparência da cidade. [...] Aqui eu não argumento contra a edificação do novo prédio do Banco do Brasil em Joinville, mas contra a construção neste marcante lugar histórico. [...] 5. A cidade tem como suas construções uma interessante e valiosa substância arquitetônica em parte, que por sua vez valeria a pena ser conservada e incentivada. Uma arquitetura deturpada e falsa, sendo vendido por uma arquitetura original e de valor histórico. É UMA MENTIRA, não que não deve ser levada em consideração e tão pouco receber concessões. Esta imitação contribui infelizmente/para o não surgimento da nova e moderna arquitetura. 6. A arquitetura histórica original deveria ser conservada e incentivada e ser ao mesmo tempo integrada na concepção turística da cidade. O moinho como um espetáculo da disneylândia é para mim suportável no lugar onde se encontra. (BAUMAM, 1982, p. 1-3).

Também em São Bento do Sul, Blumenau e Brusque havia construções de grande valor anterior à Segunda Guerra Mundial. Se a concentração do setor terciário preocupava Baumam em Joinville em 1982 por conta de desertificação fora do horário comercial, quatro anos antes, em 1978, Blumenau editou legislação visando coibir “[...] a instalação de estabelecimentos de crédito (Bancos) e empresas de investimento ou similares, isolada ou conjuntamente, em toda a extensão da Rua XV de Novembro e Avenida Castelo Branco” (BLUMENAU, 1978). Em 1984 a edição de nova legislação flexibilizou a vedação, permitindo que fossem instalados “[...] estabelecimentos [...] a partir do segundo andar (terceiro pavimento a partir do térreo) dos prédios localizados em toda a extensão da Rua 15 de Novembro e Avenida Castelo Branco” (BLUMENAU, 1984)”. Em 1991, nova lei revogou a

lei de 1978 e ampliou a restrição da instalação desse tipo de estabelecimento para diversas outras ruas do Centro da cidade (BLUMENAU, 1991).

No relatório de março de 1983 (BAUMAM, 1983), Baumam incrementa o relatório de Joinville (BAUMAM, 1982) com fotografias e descrições pormenorizadas das edificações que visitara. Após Joinville, Baumam seguiu para São Bento do Sul, onde o que mais o “impressionou foi a existência de estruturas rurais originais do tempo da colonização” e o fato de que “[...] felizmente, não ocorre[u até então] em São Bento do Sul o problema da imitação da arquitetura enxaimel” (BAUMAM, 1983, p. 28-30). Com relação ao município de Blumenau, o terceiro visitado, Baumam comenta que o Centro Histórico “já teve a sua paisagem urbana grandemente alterada” por conta de duas questões: “1) Da desorganizada construção em sentido vertical; 2) De novas imitações de fachadas em enxaimel” (BAUMAM, 1983, p. 41). Inclusive, em 1982 o novo edifício da Prefeitura de Blumenau havia sido inaugurado em enxaimeloso. Na opinião de Baumam,

A atual política de construção urbana [de Blumenau] aparentemente atribuiu grande valor à preservação do padrão de 3 ou 4 andares no centro da cidade. Em princípio esta é uma decisão correta. Todavia, eu aconselharia a elaboração de uma análise urbanística do centro da cidade para, a partir de uma maquete, desenvolver uma concepção técnica para o ulterior desenvolvimento de obras no centro da cidade. A atual concepção apresenta uma orientação sobretudo nostálgica; no entanto, além da arquitetura de imitação, dever-se-ia tornar possível o desenvolvimento de uma arquitetura moderna, por exemplo, até mesmo uma arquitetura de enxaimel que, no entanto, não se utilizasse de uma linguagem formal ‘historicizante’! (1983, p. 41).

Essa proposta de “arquitetura moderna não historicizante” poderia indicar que a crítica de Baumam inspirou a construção do prédio da Prefeitura de Joinville, inaugurado em 1996, com grades metálicas azuis que remetem ao trançado das madeiras do enxaimel?



Figura 6 – Fachada da Prefeitura de Joinville/SC
Fonte: Salmo Duarte / Agencia RBS (2017).

Além da alusão às madeiras trançadas no enxaimel presente nas grades em azul, o alongamento do beiral na área central simula, para quem olha de baixo, uma mansarda. Sem imitar de forma grosseira e barata algo que não é, o prédio da Prefeitura de Joinville parece acatar a sugestão de Baumam e se constituir em uma arquitetura neoenxaimel na medida em que não é um enxaimeloso – não foi construído com o intuito de imitar um enxaimel, mas tem, entretanto, inspiração na aparência do resultado de uma construção em que a técnica construtiva do enxaimel foi empregada.

Com relação à legislação de incentivo fiscal (BLUMENAU, 1978), Baumam comenta que “[...] seria recomendável uma clara definição do que é ‘típico’, de modo a não se promover mais uma arquitetura folclórica arcaica” (BAUMAM, 1983, p. 42). Para ele, “[...] as vantagens fiscais deveriam ser destinadas sobretudo aos casos de renovação e restauração de prédios históricos segundo padrões adequados” (BAUMAM, 1983, p. 42).

Considerações finais

As várias tipologias arquitetônicas advindas com o processo imigratório (sobretudo alemão) presentes no Vale do Itajaí até o início da década de 1970 permitiram um esboço de utilização do ambiente urbano para fins turísticos onde as cidades de Brusque e Blumenau foram caracterizadas como uma espécie de mosaico europeu devido à heterogeneidade das tipologias arquitetônicas verificadas em seu ambiente urbano. A partir de 1972,

a implementação de legislação de renúncia fiscal como incentivo à adoção da aparência de enxaimel e casa dos alpes implicou uma transcrição nostálgica sob o nome de “estilo germânico” onde o processo de homogeneização generalizante da aparência resultante da técnica construtiva enxaimel e da casa dos alpes implicou novas tipologias na ausência de artesãos que pudessem construir o enxaimel original e da extemporaneidade que tal construção comportaria, além de desconsiderar os aspectos inerentes às edificações da casa dos alpes (frio, neve etc.) implantadas em um ambiente tropical. Destas novas, tipologias demarcamos as diferenças entre o enxaimel (adaptado no Brasil); o falso enxaimel (um enxaimel que não se sustenta por entaves mas que necessita de cabo de aço e pregos); os enxaimeloides – edificações que são enxaimelizadas a partir de uma adaptação ou enxaimelosas a partir de sua concepção –; os neoenxaiméis que tem apenas inspiração na aparência resultante da técnica construtiva. Esse incentivo à homogeneização por meio da onda enxaimelizadora atendeu tão somente a fins turísticos; e, apesar de sua artificialidade, o apelo histórico ao processo imigratório serviu para amenizar o falseamento desse artifício.

Enquanto municípios como Blumenau e Joinville aprovaram legislação de incentivo fiscal ao estilo germânico já na década de 1970, em Brusque os problemas enfrentados com a judicialização da lei de incentivo fiscal visando à preservação patrimonial da Rua das Carreiras podem indicar as razões pelas quais não se editou legislação semelhante para o incentivo do estilo germânico. Além disso, a resistência do Prefeito Alexandre Merico (em sintonia com os arquitetos) e a enchente de 1984 durante o governo do Prefeito José Celso Bonatelli postergaram a adoção do estilo germânico em Brusque.

Se em 1980 havia 46 casas em enxaimel em Brusque (construídas entre 1880-1940), atualmente restam apenas duas. O argumento do historiador Aloisius Carlos Lauth e do ex-prefeito Ciro Roza de que o enxaimel seja algo típico de Brusque e que conferiria à cidade uma atipicidade – comparando-se com as demais cidades –, é totalmente descabido uma vez que esta edificação está presente não só

em outros municípios catarinenses mas também em diversos municípios brasileiros e também em diversas regiões no mundo.

As críticas de Baumam não parecem ter surtido muito efeito. Em São Bento do Sul o estilo germânico foi adotado após o arquiteto alemão elogiar, até então, a sua não adoção. Em Blumenau, o retorno econômico com o turismo fez com que o processo de enxaimelização prosseguisse. Em Brusque, apesar da não edição de legislação de incentivo fiscal, a própria administração municipal adotou o estilo germânico e, inspirada na Rodoviária de São Martinho e na Prefeitura de Blumenau, construiu seus prédios. Joinville, com o neoenxaimel da Prefeitura, talvez tenha sido o único caso em que as críticas de Baumam tenham surtido efeito – não obstante a descontinuidade com a mudança dos prefeitos.

Notas

1 Aparentemente houve uma mudança de enfoque no setor de turismo de Blumenau da utilização de um ambiente urbano heterogêneo fruto de um processo imigratório (que remeteria às edificações da Alemanha, Áustria, Escócia, Suíça e Luxemburgo) para o incentivo à construção de um cenário homogêneo com base em uma generalização de um recorte específico fruto do processo imigratório (enxaimel). Considerando que o enfoque desse trabalho é sobre Brusque, no escopo deste artigo não será possível discorrer sobre essa questão.

2 A rua das Carreiras – atual Hercílio Luz, além de servir de pista de corridas a cavalo, foi uma das primeiras ruas abertas na Colônia Itajahy-Brusque fundada em 4 de agosto de 1860 e lá estavam localizados o barracão de recepção dos imigrantes e também o primeiro Clube de Caça e Tiro da América do Sul (atual Clube de Caça e Tiro Araújo Brusque).

3 Em 1979 foi anunciada a pretensão das Casas Pernambucana construir prédio típico em enxaimel (CASAS, 1979). A loja também inaugurou uma construção enxaimelosa em Joinville que lembra o Castelinho de Moellmann (atual Havan) de Blumenau (VEIGA, 2013, p. 143). Atualmente a edificação enxaimelosa de Brusque, única na Avenida Cônsul Carlos Renaux, é ocupada pelas Lojas Colombo.

4 No local funciona atualmente a empresa Millium, que construiu o atual prédio no Centro de Brusque/SC.

5 Walendowsky era presidente da Comissão Municipal de Turismo e um dos que incentivaram a adoção do "Enxaimel" como tipologia/estilo a ser adotado pelos prédios públicos (BEIRA-RIO, 1989; INICIADA, 1989a).

6 Fotografias da Rodoviária de Rio Negrinho, disponível em: <http://www.jornaldopovorn.com.br/2.1564/um-olhar-sobre-rio-negrinho-74-1.1896850>, e da Rodoviária de Brusque, disponível em: <https://omunicipio.com.br/menor-flagrado-com-carro-roubado-e-suspeito-de-assalto-em-brusque/>.

7 As informações foram prestadas por meio de uma chamada de vídeo no aplicativo WhatsApp em fevereiro de 2019.

8 Conforme data na placa de inauguração afixada na rodoviária.

9 A germanidade é tida como vanguarda da triáde reiterada pela historiografia local como fundadora da cidade, que também é composta por italianos e poloneses.

10 Alexandre Gevaerd é filho do ex-Prefeito Cyro Gevaerd. Ele atuou e foi responsável pela área de Planejamento Urbano e de Trânsito nos últimos 20 anos em municípios como Blumenau, Itajaí, Brusque e Gaspar.

Referências

A RODOVIÁRIA deve ser objeto de tratamento prioritário pelas administrações municipal, estadual e federal. **O Município**, Brusque, 26 jun. 1987, p.1.

ANTES de conhecermos Brusque. **O Município**, Brusque. 29 mar. 1968. p. 8.

BARRETTO, Margarita. **Relatório de pesquisa de pós-doutorado**. Relatório (Pós-Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

BAUMAM, Udo. Sem título. (**Relatório**). Documento datilografado da FCJ. Joinville, Brasil, 6 ago. 1982. Tradutor desconhecido. 3 p.

BAUMAM, Udo. A arquitetura de valor histórico em Santa Catarina. (**Relatório**). Documento datilografado do arquivo da FCJ. Marburg, Alemanha, mar. 1983. Tradução de Andre Gil T. Pires (entre julho e agosto de 1983). 53 p.

BEIRA-RIO: Vereadores buscam informações em Curitiba. **O Município**, Brusque, 12 maio 1989, p. 1.

BLUMENAU (Município). **Lei Ordinária nº 1.909, de 22 de dezembro de 1972**. Concede favores fiscais às casas típicas blumenauenses, para residências,

que forem construídas dentro do perímetro urbano de Blumenau. Blumenau, SC, 22 dez. 1972.

BLUMENAU (Município). **Lei Ordinária nº 2.262, de 30 de junho de 1977**. Concede favores fiscais a casas típicas que forem construídas na área urbana de Blumenau, revoga a lei nº 1909/72, e dá outras providências. Blumenau, SC, 30 jun. 1977.

BLUMENAU (Município). **Lei Ordinária nº 2.384, de 11 de julho de 1978**. Proíbe a instalação de estabelecimentos de crédito e empresas de investimentos e similares na rua 15 de Novembro e Avenida Castelo Branco e dá outras providências. Blumenau, SC, 11 jul. 1978.

BLUMENAU (Município). **Lei Ordinária nº 3.108, de 11 de julho de 1984**. Acrescenta parágrafo único ao artigo 1º da Lei Nº 2.384/78, de 11 de julho de 1978. Blumenau, SC, 16 out. 1984.

BLUMENAU (Município). **Lei Ordinária nº 3.934, de 24 de outubro de 1991**. Autoriza a outorga de concessão de uso de uma área de terras do município ao restaurante Frohsinn, revogando as leis nº 1.495/68 e 2.038/74. Blumenau, SC, 24 out. 1991.

BONAMENTE, Jorge Luís. Entrevista concedida a Álisson Sousa Castro. Brusque, 8 fev. 2019. [Transcrita. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa Regimes de Cidade: Investigações acerca de experiências urbanas no município de Brusque/SC (1960-2017)].

BRUSQUE (Município). **Lei Ordinária nº 1.088, de 18 de maio de 1983**. Revoga dispositivo legal. Brusque, SC, 18 mai. 1983.

BRUSQUE agradece e convida. **O Município**, Brusque, 3 ago. 1990, p.1.

CARVALHO, Celso. **Um olhar sobre Rio Negrinho 74**. 29 abr. 2016. [Rodoviária de Rio Negrinho]. Disponível em: <http://www.jornaldopovorn.com.br/2.1564/um-olhar-sobre-rio-negrinho-74-1.1896850>. Acesso em: 17 mar. 2019.

CASARÃO dos Schaeffer é tombado pelo Patrimônio Histórico Municipal. **O Município**, Brusque, 6 set. 1990. [Capa].

- CASAS Pernambucanas querem construir prédio de estilo germânico em Brusque. **O Município**, Brusque, 9 nov. 1979, p. 8.
- CONSAGRADO arquiteto alemão vem a Brusque, em 1988. **O Município**, Brusque, 2 out. 1987, p. 10.
- ENCONTRO do Prefeito com o CEAB: Engenheiros desejam contribuir com a administração municipal de Brusque. **O Município**, Brusque, 31 mar. 1989, p. 18.
- ENTRE flores, espinhos e chuva, as inaugurações. **O Município**, Brusque, 3 ago. 1989. [Acervo SAB].
- GEVAERD, Ayres. A Rua das Carreiras. A Dorly G. Schlösser. **O Município**, Brusque, 21 abr. 1972, p. 3.
- GOOGLE STREET VIEW. 2019. Disponível em: maps.google.com. Acesso em: 2 maio 2019.
- INICIADA a construção da rodoviária de Brusque. **O Município**, Brusque, 6 out. 1989a, p. 11.
- INICIADA a construção da rodoviária de Brusque. **O Município**, Brusque, 11 ago. 1989b, p. 1. Acervo SAB.
- JOINVILLE (Município). **Lei Ordinária nº 1399, de 16 de setembro de 1975**. Concede benefícios fiscais às “Casas de Enxaimel”. Joinville, SC, 16 set. 1975.
- KAESTNER, Rolf. Entrevista concedida a Álisson Sousa Castro. Brusque, 06 fev. 2019. [Transcrita. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa Regimes de Cidade: Investigações acerca de experiências urbanas no município de Brusque/SC (1960-2017)].
- LAUTH, Aloisius Carlos. I – Pesquisa e estudo das Casas de Enxaimel no Vale do Itajaí-Mirim. Sociedade Amigos de Brusque. **Notícias de “Vicente Só”**: Brusque – Ontem e hoje, ano IV, n. 15, p. 58-60, jul./ago./set. 1980.
- LAUTH, Aloisius Carlos. A vila enxaimel sai? **O Município**, Brusque, 7 out. 1988, p. 9.
- LAUTH, Aloisius Carlos. Pesquisa e estudo das casas enxaimel. *In*: Sociedade Amigos de Brusque. **Notícias de “Vicente Só”**: Brusque – Ontem e hoje, ano VI, n. 21, p. 9-11. jan./fev./mar. 1982a.
- LAUTH, Aloisius Carlos. Projeto de preservação da Rua das Carreiras. **O Município**, Brusque, 26 out. 1982b, p. 6.
- OBRA inadiável: Rodoviária Intermunicipal de Brusque. **O Município**, Brusque, 12 jun. 1987, p. 1. [Acervo SAB].
- OLIVEIRA, Levi de. **Menor flagrado com carro roubado é suspeito de assalto em brusque**. 18 jun. 2016. [Rodoviária de Brusque]. Disponível em: <https://omunicipio.com.br/menor-flagrado-com-carro-roubado-e-suspeito-de-assalto-em-brusque/>. Acesso em: 17 mar. 2019.
- PEREIRA, Yone Yara. **Arquitetura de imigração alemã em Blumenau**: Das permanências às transformações. Orientadora: Dra. Odete Dourado. 2009. 215 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.
- PINGOS nos iiii (s) etraud. **O Município**, Brusque, 9 dez. 1988, p. 6. [Acervo SAB].
- PROJETOS visam atender aspirações comunitárias. **O Município**, Brusque, 26 maio 1989, p. 14.
- RIO NEGRINHO (Município). **Lei Ordinária nº 15, de 15 de agosto de 1983**. Autoriza o poder executivo municipal a adquirir por desapropriação, área de terra para terminal rodoviária e dá outras providências. Rio Negrinho, SC, 15 ago. 1983.
- RIO NEGRINHO (Município). **Decreto nº 73, de 17 de maio de 1984**. Constitui Comissão Especial para julgamento do concurso de anteprojeto do terminal rodoviário para Rio Negrinho. Rio Negrinho, SC, 17 maio 1984a.
- RIO NEGRINHO (Município). **Decreto nº 79, de 29 de maio de 1984**. Homologa resultado do concurso público de anteprojeto de arquitetura do terminal rodoviário. Rio Negrinho, SC, 29 maio 1984b.
- RIO NEGRINHO (Município). **Lei Ordinária nº 50, de 14 de agosto de 1984**. Autoriza a contratação

do projeto para o terminal rodoviário de passageiros do município. Rio Negrinho, SC, 14 ago. 1984c.

RIO NEGRINHO (Município). **Lei Ordinária nº 100, de 1 de julho de 1985**. Denomina o terminal rodoviário de Rio Negrinho. Rio Negrinho, SC, 1 jul. 1985.

RODOVIÁRIA e Parque de Exposições, em estudo. **O Município**, Brusque, 2 out. 1987, p. 6. (Acervo SAB).

ROZA, Ciro Marcial. Entrevista concedida a Álisson Sousa Castro. Brusque, 30 jan. 2019. [Transcrita. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa Regimes de Cidade: Investigações acerca de experiências urbanas no município de Brusque/SC (1960-2017)].

S.A.B. reelege Gevaerd e enaltece apoio do MEC: Conselho discutiu importantes temas. **O Município**, Brusque, 16 out. 1987, p. 3.

SÃO BENTO DO SUL (Município). **Lei Ordinária nº 98, de 15 de dezembro de 1989**. Estabelece

imunidades e isenções tributárias no município de São Bento do Sul, e dá outras providências. São Bento do Sul, SC, 15 dez. 1989.

SÃO BENTO DO SUL (Município). **Decreto nº 268, de 24 de março de 1994**. Regulamenta os itens VI e XI da Lei nº 98/89, de 15.12.89, relativos a construções em estilo alpino. São Bento do Sul, SC, 24 mar. 1994.

SILVA, Wilson. Batalha semanal. **O Município**, Brusque, 31 mar. 1989, p. 13.

VEIGA, Maurício Biscaia. **Arquitetura neo-enxaimel em Santa Catarina: a invenção de uma tradição estética**; orientador Edson Leite. Orientador: Dr. Edson Leite. 2013. 174 f. Dissertação (Mestrado em Estética e História da Arte) – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

WEIMER, Günther. **Arquitetura enxaimel em Santa Catarina**. L&PM: Porto Alegre, 1994.